

TELAS

E ARTES

REVISTA DE ARTE E CULTURA DE MINAS GERAIS • 19 • R\$5,00




MIGUEL GONTIJO:
FRAGMENTAÇÃO DO
HUMANO

DE "O BRASIL NA
VISUALIDADE POPULAR":
VITRAIS DO BRASIL

Linha Imaginária: **LIGAÇÃO ENTRE** **O ARTISTA** **CONTEMPORÂNEO** **E O PÚBLICO**

O Projeto de Intercâmbio Cultural Linha Imaginária monta mais exposição em Belo Horizonte. O Museu Mineiro exibe a segunda parte da mostra “A Casa de Todos”, a primeira fora exibida, no Sesiminas, em maio. “Cada mostra é única. Não existe uma itinerância com o mesmo projeto, com a mesma mostra. A que está no Museu Mineiro é uma, a que está em Belém é outra, a que está terminando em Niterói também é outra. Não existe uma itinerância de uma mostra por diversos estados. São várias exposições acontecendo ao mesmo tempo e com vários artistas”, explica Mônica Rubinho, da coordenação do Projeto de Intercâmbio Cultural Linha Imaginária. “O nome ‘A Casa de Todos’ vem da reunião, porque foi o maior núcleo para um pensamento de mostra que já aconteceu, 16 artistas na primeira parte, mais 13 agora. É uma grande reunião. Os títulos, os nomes, têm uma tendência poética e não uma trazem necessariamente uma noção narrativa sobre a mostra”.

No Museu Mineiro estão expostos trabalhos - “feitos com técnicas diversas que se adaptam à maneira de traduzir a vida de cada artista, predominando o desenho, com formas não tradicionais” - dos artistas Albano Afonso, Ana Kesselring, Efraim Almeida, Fábio Carvalho, Fernando Cardoso, João Carlos de Souza, José de Quadros, Marcelo Salum, Marcus Vinícius, Maria Helena Bernardes, Mariano Klautau, Marta Neves e Rosana Monnerat.



Detalhe de trabalho de Fernando Cardoso,
exposição Casa de Todos parte 2

Sidney Philocreon, coordenador do Projeto de Intercâmbio Cultural Linha Imaginária, discorre sobre as suas propostas e os entraves à interação entre o criador e o público na arte contemporânea:

A relação entre artista e público

O "Linha Imaginária", um projeto que nasceu em 1997, sempre foi pensado como um trabalho coletivo, uma série de intercâmbios entre artistas de todo o Brasil. São pequenas coletivas exibidas em diferentes regiões do país. A proposta é fazer com que o artista viaje, vá conhecer toda a diversidade cultural do próprio país e aprenda também a trabalhar uma relação de proximidade da obra dele com o público, sem a legenda, sem a bula do curador. É também um estímulo para que aprendamos a trabalhar como classe, porque o artista plástico no Brasil se comporta dentro de um determinado status que é extremamente fictício.

Gostar, não gostar

Arte contemporânea é uma linguagem muito inacessível, é uma linguagem para iniciados. Esse hermetismo surgiu por conta do trabalho isolado do artista no ateliê e da falta de disposição do público para observar com certa atenção o trabalho de arte. O público se habituou a ler o que está na legenda ao lado da obra e as vezes nem mesmo olha para a obra. Ou, quando olha, olha com aquele olhar displicente de não querer entender, de não querer pensar. Quer dizer ele ignora que aquilo ali é a presença de uma linguagem. Fica muito na linha do gosto, não gosto. E não se pergunta sobre o que aquela obra possa estar refletindo e de que maneira o assunto chega a ele.

Acesso impedido

Temos que saber que todo discurso de arte contemporânea, aliás de toda a arte, sempre foi elaborado partindo do princípio que é uma linguagem, que é uma reflexão, e que precisa se estender ao público. Mas isso não acontece, a gente sabe que não. No Brasil, não há o hábito de ir aos museus, às galerias. A pessoa quase sempre pensa que para entrar nesses locais tem que pagar. São pequenos fatos que vão levando o objeto artístico para um status ao qual poucas pessoas têm acesso. A arte vem assumindo um status que não sustenta nada conceitualmente para o artista. Vira uma relação de mercado entre ele, o galerista e um possível colecionador. A atenção que uma linguagem precisa ter dilui-se. No projeto, propomos conhecer e debater quais são as nossas dificuldades no trabalho da linguagem, de que maneira ela chega ao público, de que maneira o público a traduz. É uma troca democrática, justa.

Decoração e função

O projeto pretende proporcionar uma riqueza de compreensão para o próprio artista sobre a incomunicabilidade e de que maneira ele tem que solucionar isso para o público. Não que isso seja uma obrigação, a arte nunca foi uma coisa acessível em momento algum da história. Mas penso que é importante que ela venha a exercer a sua função social, senão ela passa a ser uma decoração, uma coisa vaga. Em questão de linguagem, isso pode ser considerado um equívoco. É esse estado de coisas que justifica o nosso exercício de resistência, de colocar o artista na rua, sair com ele, o grupo viajar junto, conhecer

novos artistas, novos estados, criar uma rede de discussão, sobretudo, criar uma reflexão sobre esse momento específico no Brasil. Quais são as nossas características políticas, sociais e econômicas, de que maneira isso nos prejudica ou nos auxilia, de que maneira isso nos impulsiona a refletir o objeto da arte contemporânea.

Item a mais no currículo

Esta década se caracterizou por megaeventos. Elegem um núcleo, dão sempre o nome de "mapeamento", vão a vários estados e, tentam passar a idéia de que houve um reconhecimento da produção. E muita gente fica isolada, e, principalmente, iludida nesse contexto. Os que conseguem participar desses eventos deslocam-se de seu centro de produção para São Paulo. O evento acontece para aquele restrito público interessado, o artista participa e volta com mais um item no seu currículo. A participação dele é quase nula, a sua obra está lá como que ilustrando esse conceito dos "mapeamentos". Pelo menos nesse particular, o Linha Imaginária é mais democrático. Quando ele leva o artista para outro estado é para o artista aprender e voltar com um pouco mais de carga cultural para trabalhar.

Reflexão e decisão cabem ao artista

Hoje, o "Linha Imaginária" tem um núcleo de 300 artistas. Só nesse ano realizaremos um total de 15 mostras. Movimentamos cerca de 140 artistas, cada vez há mais adesões, e a reflexão se dá diretamente entre os artistas participantes. As exposições não têm um mapa, não vão representar uma idéia curatorial, não serão uma ilustração "daquela idéia" que o curador teve. Nada disso. É o artista que decide o que vai mostrar. Ele vai discutir, pensar com o grupo com o qual vai expor, o que ele pretende mostrar e com esse grupo é criado um título para a mostra. Para cada mostra ter uma certa independência, dentro do projeto, essa reflexão é muito importante. Esse tipo de reflexão está bastante ausente no trabalho artístico atual, pois é muito fácil o curador chegar e escolher o trabalho do artista, esse trabalho ilustrará a idéia, a reflexão dele, o curador. Concordo quando se trata de uma linhagem histórica, aí exige-se uma curadoria mesmo. Agora, quando se trata de uma reflexão contemporânea, creio que a pessoa mais adequada para falar disso é o próprio artista. Na verdade, o trabalho de arte é a reflexão dele sobre esse momento. Então não haveria a necessidade de um mediador, um interlocutor a mais. Seria como se eu fosse ler um livro para uma pessoa que pode ler. Chega uma coisa mascada, não é? Ao mesmo tempo existem curadores que têm a preocupação de criar uma identidade, que dê, de uma certa forma, um gancho para a leitura para a obra. Dentro do nosso processo de reflexão, penso que deva haver esse embate para o próprio artista, senão a situação nunca vai mudar. Ele se colocando à frente da obra em relação ao público é a parte mais interessante da proposta, porque o artista vai apreender de que maneira a reflexão dele está reverberando no público e o que o público tem a acrescentar à obra. Vê-se que é uma forma [de contato entre o artista e o público] muito mais interessante.